



## **BUSCANDO, NA OBRA DE RICOEUR, INDÍCIOS DE UMA ANTROPOLOGIA E SEU SIGNIFICADO PARA A EDUCAÇÃO.**

Rosa Maria Filippozzi Martini - UNISC<sup>1</sup>  
Apoio: FAP/UNISC

**Resumo:** O trabalho se propõe a desvelar os aspectos antropológicos do pensamento de Paul Ricoeur. No início de seu trabalho acadêmico, ele apresenta influências da filosofia existencial e reflexiva francesa e alemã, dando ênfase à fenomenologia. Ricoeur descreve o ser humano como um ser finito e culpado, dado a sua característica lábil que o leva facilmente à transgressão. A outra fase do pensamento antropológico de Ricoeur coincide com o "linguistic turn" da Filosofia. Segundo esse novo enfoque o ser humano não só conhece, como age, delibera e pode imprimir sua marca no mundo, por meio de narrativas e textos. Desta forma, o homem faz história na medida em que toma consciência de si mesmo. Isto faz dele um ser ético e político, capaz de compreender o outro e perdoar. Essas ênfases da antropologia filosófica são significativas para a educação na medida em que destacam o humano como uma totalidade de conhecimento, ação e afetividade, capaz de inúmeras realizações e sempre aberto a novas aprendizagens a partir das interações que ocorrem na escola, na cultura, na comunidade e na sociedade.

**Palavras-chave:** Educação – Antropologia Filosófica – Homem finito – Homem capaz

### **Introdução:**

Paul Ricoeur (1913- 2005) foi um filósofo que atravessou o século XX e morreu no início do século XXI, tendo abordado os grandes problemas da humanidade que se estenderam do século XX ao XXI, sendo que um dos mais significativos foi o da Antropologia Filosófica envolvendo as diversas concepções de homem numa época tão conturbada.

Stein, (2009) observa a grande dificuldade que a Antropologia Filosófica teve para desprender-se da definição do homem como animal racional e político, originada de Aristóteles, desconsiderando sua parte instintiva e animal. O mesmo autor afirma a impossibilidade de uma compreensão unívoca do ser humano, visto que a Biologia, a Etnologia e as Antropologias culturais deram grandes contribuições para a visão do humano, assim como os recentes achados

---

<sup>1</sup> Martini rosamar@unisc

da Neurociência. Portanto, insistir numa posição metafísica se torna impossível, dado aos significativos achados dessas ciências. Todas essas conclusões conduzem a impossibilidade de pensar uma Antropologia Filosófica que se apegue a uma visão metafísica e essencialista do homem sem levar em consideração a articulação da reflexão filosófica com estas ciências. Nesse argumento, Stein concorda com a posição de Habermas (1989) que considera a Filosofia na atualidade como guardadora de lugar e intérprete dos pontos mais aporéticos das ciências, em geral, mas especialmente as humanas. Portanto, a Filosofia não é mais metafísica, enquanto fundamento absoluto do real, nem instância crítica e julgadora do conhecimento, mas está ao lado das outras ciências para auxiliar a esclarecer a posição do homem no mundo.

Desta forma, não é possível desenvolver uma Antropologia Filosófica sem levar em conta os achados das diversas ciências, especialmente da Biologia e da Neurociência, como da Sociologia, História e Geografia Humana, Etnologia e Antropologias culturais.

Na sua primeira fase de pensamento Ricoeur ficou muito ligado à fenomenologia e a Filosofia existencial de Jaspers (1883-1963), Mounier (1905-1950) e Marcel (1889-1976). Estes autores, embora chamem atenção para os fenômenos da existência, guardam um resquício de pensamento metafísico que impedem a todos e ao próprio Ricoeur de transpor certas barreiras ainda ligadas à Metafísica.

Na primeira fase do seu pensamento Ricoeur, não negando suas origens religiosas pensa o homem como ser finito, sujeito ao erro e ao mal, mas podendo ultrapassar essa condição por um processo de reflexão e tomada de consciência de si. Stein (2009) não nega essa condição de tomada de consciência de si, mas acentua a importância de o homem não poder ser pensado como um ente metafísico, apresentando como critério epistemológico para uma Antropologia Filosófica a articulação da Filosofia com as outras ciências. Na sua primeira fase de pensamento embora Ricoeur critique o essencialismo da fenomenologia husserliana, ainda considera a reflexão transcendental da Filosofia como um ponto de partida indepassável para poder fazer uma Antropologia Filosófica. Embora Stein não negue o valor de um certo apriori para o trabalho dos conceitos filosóficos sua posição fica mais próxima das demais ciências humanas e mesmo da neurociência. Stein encontra uma forma de apontar a diferença do ser humano dos demais entes apresentando uma afirmação sobre o mesmo que aponta para um critério de fazer Antropologia Filosófica, que se aproxima muito das demais ciências. Citando o autor:

“O ser humano, no entanto, é o único ente na escala da evolução biológica que somente pode ser pensado a partir de uma diferença. E essa diferença é a que se dá entre o fato de ser tal ente.

e o compreender-se como ser que já sempre se antecipou às suas condições materiais, unindo pela auto- compreensão a materialidade neuro- biológica com o pensamento e a consciência.”Stein,2009,p.50

É a partir desse critério construído por Stein (2009) em sua obra sobre Antropologia Filosófica que tentaremos nos guiar para apresentar as reflexões antropológicas de Ricoeur.

Nos anos 50, Ricoeur publica *O Voluntário e o Involuntário* e logo em seguida *Finitude e Culpabilidade*. A experiência da guerra, suas ligações com um grupo de intelectuais franceses como Mounier e Gabriel Marcel assim como com o médico e filósofo Karl Jaspers, bem como a leitura de Heidegger, o conduzem a uma concepção pessimista de homem. O ser humano é finito e limitado, vivendo numa permanente tensão entre o bem e o mal. Para Ricoeur o ser humano é extremamente lábil podendo ser capaz de ser bom, mas tendo uma permanente tendência a transgredir o que é facilmente constatável. Ricoeur vai buscar em Platão a idéia da desproporcionalidade entre participar da *physis* e do *logos*. Essa desproporcionalidade entre o natural e o racional provocam uma fragilidade da vontade humana, levando-o ora para o bem, ora para o mal. Dessa forma o ser humano é sempre finito e incompleto tendo que lutar durante toda a sua existência com essas duas tendências, correndo o risco de inserir sua existência, no que Kant afirmou à respeito do “mal radical”.

Kant na sua obra *A Religião nos Limites da simples Razão* (1794-1992) afirma que o homem não é bom nem mau, mas que devido à sua finitude e desproporcionalidade entre instintos e racionalidade corre sempre o perigo de inserir-se no plano do mal radical. Desta forma, podemos afirmar do homem que ele é um ser finito e tomado pela culpa, visto que está sempre no limite da possibilidade da transgressão. Desta forma, para Ricoeur a finitude e a culpabilidade caracterizam a compreensão do ser humano.

A outra concepção de homem de Ricoeur coincide com as décadas de 80 e 90, após ele ter realizado pesquisas aprofundadas sobre a questão de possibilidade de enxertar a hermenêutica na fenomenologia e tentar uma concepção mais completa de ser humano como ser do discurso e produtor de textos. Além da influência da lingüística e do estruturalismo, os quais critica por seus excessos objetivistas, vê o homem como um ser que fala, que realiza discursos, mas que ao mesmo tempo ao se narrar produz textos. Ao produzir textos o homem se narra e nessas

narrativas se auto-reconhece e faz história, não apenas como sujeito de sua existência, mas como ser consciente da mesma a ponto de construir tradições, legar documentos e posteriormente organizá-los e interpretá-los produzindo ciência histórica. Portanto memória e história andam juntos na vida do ser humano.

Outra influência que se percebe em Ricoeur é a de Freud (1856- 1939) e Nietzsche (1844-1900), bem com a de Heidegger (1889-1976). Ao trabalhar com a análise da subjetividade humana, caracteriza a mesma como um ego esfacelado (brisé), que não é capaz de se conhecer completamente e ter um total domínio sobre sua própria situação. Por outro lado, em sua obra “O Si Mesmo como um Outro”(1990) evidencia a igualdade e diferença de todos os humanos, porque todos participam da mesma humanidade, mas tem a possibilidade de interpretar a si mesmo e aos outros de diferentes maneiras, portanto o homem não é apenas um fato mas é a interpretação que faz de si mesmo dos outros e do mundo.

Nessa visão mais positiva elaborada por Ricoeur no período mais maduro de sua obra, se destaca a idéia do homem capaz, o homem capaz de usar sua memória, de interpretar textos, de conhecer, de produzir aparatos técnicos, mas também um homem capaz de imputar a si mesmo seus próprio atos, sendo ainda capaz de esquecer e perdoar. Ricoeur salienta que com essas capacidades o homem poderá vir a aprender uma convivência solidária com o outro em instituições justas.

### **O ser humano finito.**

Ricoeur em um *Ensaio sobre o mal radical*, por ele mencionado no texto de Finitud y Culpabilidad, no qual explora o pensamento de Kant, afirma que o homem não se entrega ao mal por ser essencialmente mau, mas por ser livre e consentir no mal, mas também por ser capaz de sentir-se culpado. Com Heidegger, afirma que esta consciência de culpa se manifesta nos três êxtases do tempo, presente, passado e futuro. Ricoeur, nesse ensaio, menciona o caráter opaco e absurdo da culpa, O autor menciona então os mitos que envolvem o fenômeno da culpa como queda, caos, desterro e acentua a dificuldade de passar do mito em estado bruto à reflexão filosófica, portanto do passado remoto remeter-se ao presente e refletir sobre sua própria ação, projetando-a no futuro. Nesse esboço de Antropologia Filosófica, Ricoeur sugere então uma interpretação da simbólica do mal e se pergunta qual o lugar dessa tendência ao mal na natureza humana. Ricoeur constata então a questão da labilidade, uma debilidade constitucional que faz do

homem um ser frágil que não consegue muitas vezes resistir ao mal. Vemos, portanto que Ricoeur já faz um trabalho de fenomenologia e hermenêutica, pois além de descrever a possibilidade do mal na natureza humana, tenta compreendê-la a partir da interpretação dos mitos primordiais., da queda, do desterro etc...

Outro recurso que Ricoeur utiliza é o da síntese transcendental kantiana que possibilita fazer uma conversão do mito para o logos. Segundo Ricoeur (1982) além do conhecimento, as categorias de ordem prática e afetiva são fundamentais para o conhecimento antropológico e precisam passar pelo crivo da reflexão transcendental. Na questão do conhecimento se coloca a dualidade entre o receber e o determinar que ainda requer a síntese transcendental para que se constitua o objeto. No entanto, essa constituição do objeto ainda não é a reflexão sobre si mesmo. Essa forma de reflexão exige um esforço de interiorização mais aprofundado que oportuniza a consciência de si em um nível de busca que não garante um total conhecimento do homem sobre si mesmo.

Ricoeur (.1960-1982) afirma que uma maneira de começar uma reflexão sobre a finitude do ser humano é iniciar pela análise da ideia de “corpo próprio”. O primeiro movimento que nos dá acesso a este fenômeno é a percepção do homem como abertura para o mundo. Assim, percebe as diversas coisas que o separam do mundo e das quais necessita, percebe também o sofrimento que o separa do mundo e dos outros, pois o sofrimento, mesmo que coletivo como em guerras e calamidades é uma experiência profundamente subjetiva. Ricoeur concorda com Kant que a diversidade dos objetos percebidos, assim como a receptividade dos sentidos permite ao homem assumir a perspectiva sobre a qual se dá a receptividade e lhe proporciona a consciência de sua limitação, leva-o a um querer dizer que ultrapassa intencionalmente sua situação. Desta forma, é a síntese transcendental que proporciona o acesso à consciência da desproporção entre a sensibilidade e a racionalidade, mas segundo Ricoeur são necessários ainda mais desdobramentos, porque a reflexão transcendental entendida como as condições de possibilidade de constituição dos objetos e a abertura da consciência para o mundo inclui outras experiências que são tão ou mais significativas para o ser humano do que o conhecimento isoladamente. Ricoeur abre um parêntese para referir-se a um método que usa a reflexão transcendental para desvelar a questão da desproporção e do intermediário que conduzem às noções de perspectiva, sentido e síntese.

Ricoeur passa então da questão do corpo próprio e do conhecimento para o problema da dimensão prática que envolve a ética e a política. Para Ricoeur a questão da síntese prática passa por três instâncias da vida humana: o caráter, a felicidade e o respeito.

Citando Ricoeur:

“Todos os aspectos da finitude prática que podem ser compreendidos a partir da noção transcendental de perspectiva podem resumir-se na noção de caráter. Todos os aspectos da infinitude prática que se compreendem partindo da noção transcendental de sentido podem resumir-se na idéia de felicidade. A mediação prática que alarga a imaginação transcendental, projetada no objeto é a constituição da pessoa, enquanto merecedora de respeito. Essa última análise tem por objetivo a comprovação da fragilidade desta mediação prática do respeito que tem por objeto a pessoa.” Ricoeur, 1960, 1982, pgs. 69, 70<sup>2</sup>

Pode-se inferir por esta observação programática de Ricoeur o quanto sua filosofia da década de 50 e 60 estava influenciada por Kant (1724- 1804) e Husserl (1859-1938), com seu método fenomenológico, mas já demonstrando tendências a utilizar, integradamente a hermenêutica, tanto em termos da interpretação dos mitos sagrados, como na tentativa de uma compreensão rigorosamente desenvolvida das diversas instâncias que podem nos levar a uma compreensão mais precisa e rigorosa do ser humano. Embora, critique o formalismo kantiano e o essencialismo da fenomenologia de Husserl, não abdica do transcendental como exame das condições de possibilidade do acontecer humano, em termos da busca de um começo para o filosofar.

Como já foi afirmado, Ricoeur nesse período do seu pensamento sendo um fenomenólogo e um filósofo existencial valoriza a corporeidade. O corpo em movimento realiza uma mediação entre o eu produtor e o mundo produzido, constituindo-se no centro da finitude prática. O corpo é uma estrutura de potências motrizes e afetivas cuja espontaneidade está à disposição da vontade. Esta mediação do corpo vai além de simples hábitos e mecanismos, nossos

---

<sup>2</sup> A tradução do espanhol do texto citado de Ricoeur *Finitud y Culpabilidad* (1960- 1982), versão francesa original e tradução espanhola desse autor, é de inteira responsabilidade do autor desse trabalho. Em todo esse estudo foram utilizadas as versões originais francesas e a tradução espanhola. Quando são usadas a data da francesa esta aparece em primeiro lugar, seguindo-se a data da edição espanhola. Foram usadas também as datas de nascimento e morte de alguns filósofos que influenciaram a vida intelectual de Ricoeur.

conhecimentos constituem também uma espécie de corpo psíquico que envolve conhecimentos de diversas formas, inclusive sociais e morais. Todo o processo de aprendizagem, tanto corporal como intelectual, implica em uma relação entre a ação na forma de um querer e de um poder colocados em movimento. Ricoeur caracteriza o hábito como um processo que implica também numa alienação que o situa entre o aprender e o adquirir. Todo o aprender se caracteriza por estar implicado com a própria vida do sujeito. A própria aprendizagem envolve aquisições que não estão sempre disponíveis no sentido de se poder recomeçar, senão continuar pelo caminho aberto. Entretanto, como nem tudo é mecanismo no ser humano, podemos surpreender uma certa ambigüidade que dá origem tanto á vida que aprende como a que se automatiza, num processo de inércia. Portanto, a finitude é sobretudo perspectiva. Assim, Ricoeur interpreta o caráter como perspectiva, vinculada originariamente à idéia de abertura para o mundo. Somente essa idéia pode oportunizar a compreensão do caráter como limitação do corpo próprio, estreitamento original da abertura para o mundo, própria do ser humano (intencionalidade). Ricoeur conclui que essa idéia de perspectiva não está implicada com a Psicologia, mas revela uma natureza imutável e herdada, como um estreitamento fático e real da livre abertura sobre o conjunto de possibilidades do ser humano. Ricoeur segue sua análise fenomenológica do ser humano desenvolvendo a idéia de felicidade ligada ao poder de agir do ser humano. Nessa análise, Ricoeur usa Aristóteles e Kant. Aristóteles acentuando a característica operativa da vida humana, o agir humano (ergon), voltado para a totalidade e a busca do bem. Kant colocando essa idéia de desejo da felicidade para um segundo plano, na medida em que afirma que devemos pelos nossos atos nos tornar dignos da felicidade. É preciso portanto ultrapassar a idéia ingênua de felicidade como satisfação de todos os desejos, mas sim como realização da totalidade de um projeto humano que nunca é completo. Desta forma, o caráter seria a origem zero desse processo e a felicidade seu horizonte infinito.

Por fim, Ricoeur enuncia a outra idéia que com o caráter e a felicidade apresentam o ser humano como ser frágil e lábil: é a idéia prática do respeito. Para analisar essa idéia utiliza a noção do imperativo categórico de Kant que se orienta para a idéia de humanidade, ou seja, para o princípio de não tratarmos o ser humano como um meio, mas como um fim. Ricoeur trata a idéia de respeito como um enigma que envolve a auto-estima, em termos da possibilidade de elevar a faculdade desejante ao nível da razão para que surja a estima de si no seio da finitude.. Segundo Ricoeur a constituição paradoxal do respeito se assemelha a imaginação transcendental,

atestando que esse sentimento repousa na síntese prática. Afirma ainda que esse sentimento ao passar pelo crivo da reflexão se expõe a uma ameaça de desestruturação, isso porque nesse aspecto o ser humano pode ser um súdito que obedece ou um soberano que ordena, visto que o ser humano pertence ao mesmo tempo ao mundo sensível e ao mundo inteligível e o respeito está sujeito às características do caráter e da personalidade. Essa pertencimento duplo marca a possibilidade de um desacordo e apresenta como que uma falha existencial na qual radica a fragilidade, a labilidade do ser humano. Por isso mesmo facilmente em determinadas situações o ser humano esquece a questão do respeito. Nesse aspecto seria interessante citar Sennet em sua obra *Respeito, a formação do caráter num mundo desigual* :

... “se o comportamento que expressa respeito é com frequência escasso e a desigualdade distribui-se pela sociedade, o significado de respeito é social e psicologicamente complexo. Como resultado, os atos que transmitem respeito - os atos de reconhecimento dos outros - são exigentes e obscuros.”  
Sennet,2004,p.78

Podemos verificar que Sennet, como sociólogo e antropólogo, reconhece que expressar respeito por si mesmo e reconhecer o outro como merecedor de respeito, ou seja, ser capaz de mutualidade, é algo sobre o qual precisamos pensar, pois o que Ricoeur chama de labilidade ou tendência à transgressão é muito comum entre os seres humanos e é preciso constantemente lutar para refletir sobre nossos atos e exercer o respeito mútuo nos atos concretos de nossa vida.

Ricoeur (1982) segue sua investigação questionando: será possível uma filosofia do sentimento?

Que relação pode ter uma filosofia do sentimento com o problema da labilidade humana? Avançando gradualmente do teórico ao prático até chegar ao sentimento, ao afetivo, a Antropologia Filosófica se pergunta, utilizando a metáfora do coração, se é possível tal filosofia. Ricoeur segue afirmando poder utilizar o mesmo método das instâncias anteriores, ou seja a redução fenomenológica. Portanto se o pathos (sentimento) já era mythos, quer dizer palavra como narrativa, é possível ser incorporado ao mundo do raciocínio e da linguagem filosófica. Assim a pedra de toque de uma filosofia do sentimento é a origem transcendental comum do conhecer e do sentir. O sentimento, o amor, o ódio são dinamismos intencionais que coincidem



com uma afecção. Nossos afetos só podem ser lidos sobre o mundo no qual eles mesmos se desenvolvem e refletem suas espécies e matizes. Pode-se dizer que o sentimento não é uma parte do todo, mas um todo significativo. Segundo Ricoeur, é no sentimento que podemos adquirir a consciência dessa desproporção que se perdia na síntese objetiva. É finalmente na vida do sentimento que se reflete aquilo que se pode qualificar de intermediário, cuja consciência viva não seria possível captar nos registros teóricos e práticos. Portanto, é nesse nível que se revela o lugar e o nó da desproporção. A disponibilidade radical, fundamental do sentimento se dimensiona como paradoxo de ceder a todos os desejos, fazendo valer exclusivamente sua vontade como amor de si e poder em contraposição ao ato de dar a vida pelos amigos ou por um ideal. Assim o afeto pode ser considerado como sentimento ontológico do humano. Habermas (1987) ao pensar sobre esse aspecto do sentimento o caracteriza como o “estético- expressivo” que significa a expressão descentrada do eu.

Ricoeur se pergunta novamente em que sentido podemos afirmar que o ser humano é lábil. Ele responde que o ser humano leva a marca da possibilidade do mal moral.

Ricoeur compara a tríade de conceitos da física: realidade, negação, limitação em termos dos sentidos que caracterizam o afeto como afirmação originária, diferença existencial e mediação humana. A labilidade significa, portanto que o homem pode ceder ao mal, que o ser humano é frágil e débil, podendo transgredir, mas sendo capaz de refletir sobre seus atos e sentir-se culpado. O que se pode concluir é que o homem é um ser finito e lábil, capaz de atos de generosidade e heroísmo e também falível, podendo entregar-se a todo o tipo de paixões, violências e abuso de poder. Conclui-se então que o ser humano é paradoxal, pois pode viver uma vida com sentido ou entregar-se a partir de sua perspectiva finita uma vida sem sentido.<sup>3</sup>

### **O ser humano como ser capaz**

A nova concepção antropológica de Ricoeur se revela em muitos dos seus textos, a partir dos anos 80, quando em contato com a filosofia anglo- saxã, especialmente a filosofia analítica e a filosofia da linguagem e com o estruturalismo, realiza análises desses enfoques, articulando-os ao seu trabalho, mas não sem dirigir críticas aos excessos de objetivismo dessas duas tendências,

---

<sup>3</sup> As análises realizadas nesse estudo não desenvolveram todos os desdobramentos, realizados por Ricoeur em sua fenomenologia do homem finito. Destacou-se a questão transcendental e da intencionalidade, apontando os principais sentidos, tais como caráter, felicidade, respeito e a afetividade que marcam a desproporção e labilidade humanas.

usando para tal objetivo a hermenêutica de Heidegger e Gadamer com seu enfoque original. Para esse objetivo segue seus esforços de enxertar a hermenêutica na fenomenologia no sentido de discutir os modos de ser do humano.

Em *O si mesmo como outro* (1990 – 1996), Ricoeur parte da análise das gramáticas naturais para indicar a prioridade do momento reflexivo ao cogito cartesiano, como puro pensar. Desta forma, o se como “si mesmo” é mais fundamental do que o “eu penso” cartesiano. Reforça essa posição mencionando a obra de Foucault, em *A Hermenêutica do Sujeito* (1982-2006) como “cuidado de si”, que dá ênfase a possibilidade de interiorização do ser humano, no sentido de dar significado às suas experiências. Nessa mesma obra ao destacar “o mesmo” Ricoeur aponta a equivocidade desse termo que pode indicar tanto a identidade pessoal como a identidade narrativa. Por outro lado, Ricoeur coloca sua posição crítica em relação a filosofia do sujeito no estranhamento desse “si mesmo” que se vê como outro, abrindo a possibilidade de se abrir para o outro e reconhecê-lo enquanto outro. Portanto Ricoeur assinala na própria análise das línguas naturais a superação da filosofia do sujeito para uma filosofia da intersubjetividade, visto que na medida em que posso me ver, também, como outro, posso reconhecer o outro como meu semelhante.

Ricoeur caracteriza suas críticas à filosofia do sujeito como cogito fragmentado, na medida em que Marx ( ) Nietzsche(...) e Freud, transformaram totalmente a idéia de sujeito Marx acentuando uma ontologia do ser social. Nietzsche aproximando-se da retórica e analisando seus tropos: metáfora, metonímia e sinédoque como exemplos de que não existe propriamente linguagem natural, mas no sentido retórico a linguagem é completamente figurativa. Desta forma, essa posição de Nietzsche sobre a linguagem como fonte de figurações e interpretações crítica toda a possibilidade de verdade, tanto da Metafísica como do cogito cartesiano, como filosofia do sujeito, transformando a filosofia em uma interpretação retórica de si mesma. Quando Nietzsche afirma que “não há fatos, mas interpretações de fatos”, ele compara o eu interior com os fenômenos exteriores, mas não no sentido de uma total objetivação, ao estilo kantiano, porém como arranjo de interpretações, tanto do mundo interior, como do exterior. O que temos então, segundo Ricoeur, também a partir das contribuições de Freud que quebra o eu em três instâncias: id (aspectos instintivos), ego (princípio da realidade) e superego (imperativos culturais), é um ser humano que jamais consegue uma total transparência de si mesmo e do mundo, mas que é capaz de se narrar e realizar narrativas sobre o mundo como a arte, a ciência e a própria filosofia.

Constatada essa subjetividade fragmentada, Ricoeur( 1990- 1996) passa a questionar o agente e sua ação, a partir da filosofia da linguagem que irá articular, mais tarde com a fenomenologia e a hermenêutica. Citando Ricoeur:

... “a rede nocional da ação compartilha o mesmo estatuto transcendental que o âmbito conceitual dos particulares de base. A diferença dos conceitos empíricos elaborados pelas ciências humanas, desde a biologia até a sociologia, toda a rede tem por função determinar o que pode ser considerado como ação, por exemplo, nas ciências psicológicas do comportamento e nas ciências sociais da conduta. O que nos importará daqui para frente será a especificidade desta rede em relação com a determinação geral do conceito de pessoa...Ricoeur,1996,pg

Como se pode verificar Ricoeur considera a pessoa como um particular de base, irreduzível a qualquer outro, articulando dessa forma um conceito da filosofia da linguagem com a questão da fenomenologia que atribui a esse particular de base um caráter transcendental. Por outro lado Ricoeur associa a semântica à pragmática, visto que na medida em que todo o dizer é fazer, a teoria dos atos de fala de Austin e Searle evidencia a inserção da linguagem no plano da ação. Portanto, o reconhecimento dos atos de fala em locucionários (operação predicativa), ilocucionários (aqueles em que o sujeito diz o que faz, por exemplo: eu prometo) e os perlocucionários ( atos que envolvem ameaças, por exemplo: mãos ao alto!) evidenciam não só o que fazemos com a linguagem, mas que com o que fazemos e dizemos somos locutores à espera de um interlocutor. Além disso, quando apresentamos razões para o que fazemos apelamos para um sentido a ser interpretado. Neste caso, aparece um horizonte hermenêutico que apela para a compreensão do que é dito. Neste momento aparece a dimensão hermenêutica solicitando a compreensão do interlocutor e não somente para a descrição de uma ação e sua intenção..

Ricoeur procede a uma análise do discurso analisando autores anglo- saxões como E. Anscombe, Davidson, Austin, Searle e Grice, mas demonstra que essas filosofias da linguagem e do discurso são apenas descritivas. Embora elas possam ser consideradas transcendentais lingüísticos é preciso articular a fenomenologia e a hermenêutica para alargar a compreensão da ação em termos de atribuição da ação a um sujeito que age e a sua história, um sujeito que é capaz de designar-se a si mesmo e significar o mundo. Para articular essas formas metodológicas Ricoeur se serve de três conceitos: descrever, narrar e prescrever. Desta forma, a teoria narrativa

só poderá servir de mediação entre a descrição e a prescrição, na medida em que a ampliação do campo prático e a antecipação do campo ético estiverem implicadas no ato de narrar. Ao referir-se ao campo ético Ricoeur (1996) apóia-se em Aristóteles, na *Ética a Nicômaco* para destacar a ética como a busca do bem. Entretanto o ser humano só pode buscar o bem se desejar o bem também par o outro. Esse viver com o outro em comunidade implica na amizade, assim para ser feliz e viver bem o ser humano precisa de amigos. Ricoeur destaca ainda que para Aristóteles existem vários tipos de amizade: a que vem do interesse, a que vem da gratidão, mas a verdadeira amizade para Aristóteles é aquela que se dá entre iguais, em posição social e intelectual, pois nela não interfere nenhum fator de hierarquia. Ficam, portanto, fora dessa forma de amizade os escravos, as mulheres e as crianças. Ricoeur apresenta então uma alternativa a essa ética aristotélica com sua ética da solicitude. O conceito de solicitude para Ricoeur se baseia na espontaneidade do dar e receber, independente de exigências de simetria. O estatuto da ética da solicitude é uma espontaneidade benévola que se baseia na estima de si e no reconhecimento do outro como ser que sofre característica assinalada na filosofia da ação de Ricoeur que caracteriza o ser humano como ser de ação e de sofrimento. Desta forma, a ação e o sofrimento nos igualam, a benevolência e o sofrer com, graças a qual a simpatia nos impede de exercer a pura piedade, pois a reciprocidade nos afeta por tudo o que o outro em seu sofrer me oferece em troca, pois do outro que sofre vem algo em próprio de sua debilidade mesma, pois a prova da solicitude é a reciprocidade que supera toda a desigualdade. Alguém chamado a dar-se conta da vulnerabilidade da nossa condição mortal pode receber da debilidade do amigo mais do que ele lhe dá. A solicitude pertence ao campo dos sentimentos dirigidos espontaneamente ao outro, em que o si mesmo e o outro compartilham a igualdade do estar juntos. Em razão da solicitude o si mesmo se percebe como um outro entre outros. Ricoeur afirma ainda que a solicitude implica em reversibilidade, insubstituibilidade e similitude. A reversibilidade se refere não só a posição dos participantes de um discurso, mas sobretudo no respeito às posições desses mesmos participantes, insubstituibilidade se refere ao valor intrínseco de cada ser humano que o torna insubstituível, a similitude é o sentimento que nos faz entender nossa possibilidade comum de atuar e de não poder estimar-me a mim mesmo, sem estimar o outro como a mim mesmo.

Em um de seus livros, publicado em 2000, portanto 5 anos antes de sua morte, intitulado *La Mémoire, L'histoire, L'oublie* (A Memória, A História e o Esquecimento), Ricoeur embora tenha publicado outros trabalhos, ainda antes de falecer em 2005, faz nesse livro uma espécie de

retomada de toda sua obra, explorando principalmente a fenomenologia, articulada à hermenêutica, sem deixar de explorar e articular em alguns momentos a filosofia da linguagem.

Já de início adverte que não usará o método fenomenológico de uma forma egológica, ou seja seu caminho será a partir do “o que” para “quem” passando pelo como. A idéia diretriz é também a diferença que se pode considerar eidética entre duas intencionalidades: uma da imaginação, dirigida ao fantástico, à ficção, ao irreal, ao possível, ao utópico; a outra a da memória, voltada para a realidade anterior, constituindo a marca temporal por excelência daquilo que é lembrado. Ricoeur analisa com riqueza de imagens e metáforas que vão dos mitos gregos até as neurociências, destacando a imagem mítica de Mnemosine, mãe de todas as musas, até a idéia de marca, de impressão, de enredo e empreendimento, ligado a mimesis em Platão, as análises de Aristóteles que afirmam a memória como representação do passado. Ricoeur comenta essa representação do passado como algo datado que se pode lembrar como uma lição, exercício de memória, mas também diferencia a memória que repete da memória que imagina. Comentando Bérgeon Ricoeur afirma que para evocar o passado sob a forma de imagens é preciso poder se abstrair da ação presente, é preciso querer sonhar. Só o ser humano é capaz de um esforço desse gênero. Assim, segundo Ricoeur (2000) este vasto império da possibilidade de lembrar faz parte do “eu posso” segundo a fenomenologia do homem capaz: poder falar, poder intervir no curso dos acontecimentos, poder contar novamente, poder se deixar imputar uma ação como constituinte de si mesmo, como seu verdadeiro autor. Ricoeur segue suas análises apresentando o par evocação e pesquisa, em quem novamente apresenta sua erudição que vai dos gregos às neurociências. A esse esforço de evocação Ricoeur denomina pesquisa e recorre ainda a Platão com a anamnésis que significa recuperação de fatos e indícios que lutam contra o esquecimento sem a garantia de recuperar tudo. Há um entrecruzamento de uma dimensão afetiva e uma dimensão intelectual. Ricoeur acentua esse esforço como medo de esquecer e ressalta ainda quando o não esquecer é como um dever, visto que somos seres históricos. Ricoeur menciona ainda o caminho que vai da percepção, lembrança e ficção. Desta forma a memória pode alimentar a ficção, como por outro lado o esforço de lembrar nos fala ainda de uma exigência veritativa. Ricoeur comenta ainda os usos e abusos da memória, sobretudo na atividade do ensino inscritos nos modelos da Paidéia, o modelo clássico que consiste em recitar a lição, aprendida pela memorização. Chama atenção ainda para memória manipulada que implica na fragilidade da identidade pessoal, a memória ideologizada por uma racionalidade instrumental,

e a memória impedida pela violência da guerra. A referida obra de Ricoeur ainda nos fala da história como ciência com suas diversas correntes e a historicidade do ser humano como algo a ser compreendido por um exercício hermenêutico que nos proporciona articulação com as tradições e nos ligam aos seus horizontes, à maneira sugerida por Gadamer(...). Além desse enfoque epistemológico, também nos coloca na compreensão de nossa marca temporal, como ontológica que nos diferencia dos outros entes, em termos dos três êxtases do tempo: presente, passado e futuro que o exercício da própria memória pode nos levar a realizar, na medida em que à maneira heideggeriana somos seres do cuidado, ou seja temos que assumir que somos responsáveis pela nossa existência e a dos outros que reconhecemos como semelhantes., bem como por nosso mundo. Como disse Ricoeur ele compôs uma ontologia do ser humano no estilo muitas vezes de uma antropologia com numerosos e complexos desdobramentos. O mais complexo é a questão do esquecimento e do perdão que tem dimensões desde as relações humanas até as culturais e políticas e dimensiona o esquecimento como falha e fragilidade humana e o perdão como dimensão ontológica que necessariamente não significa esquecer, pois o esquecimento pode se tornar uma ameaça política para os que exercem o perdão, assim como o perdão revela uma grandeza do ser humano. O importante é que o exame das referidas obras de Ricoeur nos revelam duas antropologias: a do homem finito e frágil e a do homem capaz, capaz de falar, de agir de se comunicar, de recordar de esquecer e perdoar assim como imputar a si mesmo seus próprios atos.

### **Implicações pedagógicas**

Estas duas antropologias de Ricoeur nos revelam várias possibilidades para refletir sobre o que é Pedagogia e como nesta ciência teórico- prática podemos projetar as reflexões de Ricoeur. Primeiro por ser a finitude, a fragilidade e a labilidade comum a todo ser humano, uma pedagogia que não seja sensível a essa condição pode se tornar autoritária e instrumental, julgando que para educar basta exercitar e desenvolver capacidades e habilidades sem pensar no ser humano como uma totalidade finita aberta ao infinito. A fragilidade e a labilidade humanas não devem ser motivo de piedade, mas de cuidado e atenção constantes para que uma vida não se torne fracassada.

A pedagogia tem que levar em conta que o ser humano é capaz, mas precisa de um ambiente favorável para aprender a falar, a dialogar, a se narrar, a exercitar sua memória, a não

esquecer e a perdoar. Uma pedagogia que não leve em conta a reciprocidade, o respeito incondicional para com o ser humano não pode ser reconhecida como Pedagogia. Por outro lado, o cuidado com o ser humano no processo de educação exige uma formação profissional que desenvolva auto-estima do futuro educador, na medida em que uma Pedagogia que não reconheça o papel histórico e político da educação, não poderá levar o educador a desenvolver o cuidado de si, do outro e do mundo, pois para exercê-lo precisamos do reconhecimento social e político. Acima de tudo, uma Pedagogia, precisa dar lugar a uma constante reflexão fenomenológica de sua ação e compreensão hermenêutica constante de seu modos de agir, pois sem reflexão sobre a ação pedagógica, poderemos cair no esquecimento do que é o pedagógico, do que é o ser humano que julgamos poder educar e esse esquecimento pode sacrificar toda uma geração.

#### **REFERÊNCIAS:**

- HABERMAS, J. *Teoria de La Accion Comunicativa*. Madrid: Ed. Taurus Espanha 1987
- PELLAUER, D. *Compreender RICOEUR* RJ.:Petrópolis:Ed Vozes, 2009
- *Consciência moral e agir comunicativo* RJ: Tempo Brasileiro,1989
- RICOEUR, P. *Finitud y culpabilidad* Madrid: Ed. Taurus1982
- *La mémoire, L'histoire, L'oublie* Paris Ed. Du Seuil, 2000
- *Sí mismo como outro*. Madrid: Siglo Veinteuno Ed.,1996
- SENNET, R. *RESPEITO A formação do caráter em um mundo desigual* RJ. Ed. Record,2004
- STEIN, E. *Nas proximidades da antropologia* RS: Ed.UNIJUÍ, 2003
- *Antropologia Filosófica Questões epistemológicas* RS: Ed.UNIJUÍ, 2009